

FOTOGRAFIA: UM OUTRO OLHAR ATRAVÉS DAS LENTES DE SEBASTIÃO SALGADO

PHOTOGRAPHY: A DIFFERENT LOOK THROUGH SEBASTIÃO SALGADO'S LENS

FOTOGRAFÍA: UNA MIRADA DISTINTA DESDE LOS LENTES DE SEBASTIÃO SALGADO

Angélica da Silva Cantuária Rosa¹

Resumo

Este trabalho visa analisar como a fotografia pode auxiliar estudantes, rodeados por tecnologias, nos estudos das artes visuais, ao apresentá-lhes a diversidade cultural através do olhar fotográfico de Sebastião Salgado. Para tanto, abordamos a origem, os pioneiros e a evolução da fotografia, desde a primeira até as fotos e câmeras digitais. Além disso, apresentamos a trajetória de Salgado e seus trabalhos resultantes de viagens pelo mundo e como evidenciam a diversidade cultural de algumas sociedades, a partir do estudo dos seus três maiores projetos. Com tal propósito, examinamos livros, artigos e teses sobre o tema. Constatamos que nossos jovens precisam aprimorar sua visão de mundo, bem como a sociedade contemporânea.

Palavras-chave: fotografia; Sebastião Salgado; diversidade cultural.

Abstract

This paper aims to analyze how photography can help students, surrounded by technology, to study visual arts, by introducing them to cultural diversity through Sebastião Salgado's photographic eye. Thus, we will discuss photography's origin, pioneers, and the evolution from the first to digital photos and cameras. In addition, we present Salgado's trajectory and work resulting from his trips around the world and how they show the cultural diversity of some societies, from the study of his three major projects. To this end, we examined books, articles, and theses on the subject. We found that our young people need to improve their world view, as well as the contemporary society.

Keywords: photography; Sebastião Salgado; cultural diversity.

Resumen

Este trabajo pretende analizar cómo la fotografía puede ayudar a los estudiantes, cercados de tecnologías, en los estudios de artes visuales, pues les presenta la diversidad cultural a través de la mirada fotográfica de Sebastião Salgado. Para ello, tratamos el origen, los pioneros y la evolución de la fotografía, desde la primera hasta fotos y cámaras digitales. Además, presentamos la trayectoria de Salgado y sus trabajos, resultantes de viajes por el mundo y cómo revelan la diversidad cultural de algunas sociedades, a partir del estudio de sus tres proyectos más grandes. Con ese propósito, examinamos libros, artículos y tesis sobre el tema. Constatamos que nuestros jóvenes necesitan mejorar su visión de mundo, así como la sociedad contemporánea.

Palabras-clave: fotografía; Sebastião Salgado; diversidad cultural.

1 Introdução

Desde a antiguidade, o homem busca formas de registrar o momento e de deixar sua marca na história. A fotografia surge como maneira de imortalizar momentos e capturar a realidade. A princípio, eram necessárias horas e, em alguns casos, até dias para obter um

¹ Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Internacional — Uninter. E-mail: angelcantuaria@hotmail.com.

registro fotográfico. Além disso, era preciso muito conhecimento de física, química, matemática, entre outras ciências para ter sucesso. Contudo, sempre houve desejo por um tipo de imagem mecânica auferida com o mínimo possível de interferência da mão do artista.

A palavra fotografia deriva do grego *foto*, que significa luz, e *grafia*, que significa *escrita*. Logo, fotografia significa “escrita da luz” ou escrever com luz. O próprio termo nos parece tão mágico que não é difícil entender por que a arte da escrita com luz encanta gerações, ganha sempre novas formas e aparelhos tecnológicos para produzi-la. Disto isto, este estudo parte do nosso apreço pela fotografia e do anseio de mostrar aos jovens da atualidade que a ela pode ser muito mais que apenas registros de *selfies* ou de momentos da própria rotina que nada acrescentam à vida dos outros; além disso, redirecionar o uso indiscriminado do celular de modo que se torne um aliado dos professores em sala de aula. Com isto, pretende-se utilizar a fotografia como instrumento de análise para o estudo das artes visuais, a partir do olhar direto de um fotógrafo brasileiro renomado e possuidor de uma visão crítica, sensível, em relação à diversidade do mundo, como Sebastião Salgado.

Todavia, em entrevista, Salgado diz não considerar fotografias as imagens produzidas por câmera de celular, pois as possuímos por alguns dias apenas e, quando não interessam mais, deletamos sem ao menos torná-las palpáveis. Para Salgado, fotografia é algo que se pode apreciar, tocar e guardar. Sendo assim, queremos ressaltar não apenas a possibilidade de outro olhar através das lentes de Sebastião Salgado, como também o processo de observar, clicar e editar, ao descrevermos o contexto, do surgimento à evolução da fotografia, bem como apresentarmos a trajetória de Salgado em suas viagens ao redor do mundo para analisarmos seus registros, que evidenciam a diversidade cultural das sociedades.

Kossoy, em seu livro *Fotografia e História* (2001), afirma que a fotografia é o produto final da ação do fotógrafo que, em determinado espaço e tempo, optou por um assunto em especial e, para registrá-lo devidamente, empregou recursos tecnológicos. Ademais, independentemente do assunto registrado, a fotografia também documentará a visão de mundo do fotógrafo, caracterizado como filtro cultural, por selecionar determinado aspecto do real e transparecer em suas imagens seu estado de espírito e sua ideologia. Nas palavras de Salgado, “você não fotografa com sua câmera, você fotografa com sua cultura”.

Este estudo também se fundamenta nos ensinamentos de Ana Mae Barbosa que, ao nos apresentar a Abordagem Triangular, elucida ser necessário conhecer a história, o próprio fazer artístico e saber apreciar uma produção artística. De acordo com Barbosa (1991), nosso mundo cotidiano está dominado por imagens, é necessário aprender a decodificá-las, pois, ao julgá-lhes a qualidade, o jovem se prepara para entender o que é bom ou ruim, e isto se leva para toda

a vida, não apenas acadêmica, mas também social. No seu entendimento, a história da arte ajuda as crianças a entenderem algo do lugar e do tempo nos quais as obras de arte estão situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo: parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto (BARBOSA, 1991).

Para tanto, descreve-se neste artigo a história da fotografia a partir do trabalho de Palacin (2012), Scoville e Alves (2018) e Kossoy (2001), baseando-se nos estudos de Amar (2001) — assim como a trajetória de Salgado e a manifestação da sua visão de mundo e da diversidade cultural das sociedades através da análise de seus livros *Outras Américas* (1986), *Êxodos* (2000) e *Gênesis* (2013). Ademais, recorreremos a documentários, a entrevistas que relatam vida, trabalho, viagem e trajetória de Salgado, além de artigos como os de Pidner (2014), Pereira da Silva (2009) e Maia (2017) sobre tais trabalhos do fotógrafo. Analisam-se também fotografias retiradas desses livros e de sites que as expõem, como o do Templo Cultural Delfos e a Galeria Virtual Peter Fetterman.

No primeiro capítulo, mostramos a história da fotografia desde seu surgimento, narrando os primeiros experimentos e o trabalho de diversos cientistas, estudiosos e inventores para evolução tanto das técnicas quanto das máquinas fotográficas e tecnologias empregadas para este fim.

No segundo e no terceiro capítulos, relatam-se os três maiores trabalhos de Sebastião Salgado, que resultaram nos livros *Outras Américas* (1986), *Êxodos* (2000) e *Gênesis* (2013), frutos de anos de viagens ao redor do mundo e do convívio que estabeleceu com os povos que visitou, em que transparecem sua sensibilidade, seu carisma, seu olhar crítico e sua empatia. Tais obras mostram a amplitude da diversidade cultural do nosso planeta e o quanto a sociedade contemporânea tem a aprender com esses povos.

2 Surgimento e evolução da fotografia

2.1 Do Surgimento

A fotografia não foi inventada do dia para a noite, tampouco teve um único patrono, mas é fruto de um processo que se estende desde a antiguidade e prossegue por vários séculos até a fotografia como a conhecemos hoje. Surgiu da necessidade de o homem registrar sua marca na história. Para isto, contribuíram estudiosos de diversas áreas, como artistas, filósofos, matemáticos, físicos, entre outros que ainda não temos documentado. O registro mais antigo, segundo Palacin (2012, p. 6), “é de antes de Cristo, com o filósofo grego Aristóteles que, sentado sob uma árvore, observou a imagem do sol durante um eclipse parcial projetando-se no

solo em forma de meia lua quando seus raios passavam por um pequeno orifício entre as folhas”. A partir deste fundamento, chegou-se ao conceito da câmera obscura ou câmera escura, que consiste em uma caixa com um pequeno furo frontal por onde entra a luz emitida pelos objetos. A luz refletida pelo objeto é projetada de forma invertida no fundo da caixa. A questão que diversos artistas e cientistas buscavam, a partir deste princípio, dizia respeito a como fixar a imagem refletida na caixa.

Oficialmente, a fotografia nasceu em 19 de agosto de 1839, dia em que o daguerreótipo, invento do francês Louis Daguerre (1787-1851), foi apresentado na Academia Francesa de Ciências da França (SCOVILLE; ALVES, 2018). Contudo, em 1550, o físico Girolamo Cardano buscou soluções para o campo de visão da câmera escura e a nitidez da imagem refletida, através da refração do vidro, de modo que conseguiu uma lente biconvexa que convergia os raios luminosos refletidos pelo objeto, permitindo formação do objeto ponto a ponto. Por volta de 1604, o químico e médico italiano Angelo Sala deixou sua contribuição ao desenvolver estudo sobre a captura de imagens. Através da fotossensibilidade ou sensibilidade de um objeto à luz, Angelo Sala observou que a imagem de um objeto escurecia quando exposta à luz na presença de um composto de prata. Johann Heinrich Schulze, professor de medicina na Universidade de Aldorf, na Alemanha, em 1727, observou que os cristais de prata, ao receberem luz e não calor, como se imaginava antes, transformavam-se em prata metálica negra, permitindo obter um negativo da imagem, porém, a imagem continuava escurecendo com a presença da luz. Esta descoberta viabilizou, em 1802, o êxito de Thomas Wedgwood em relação à impressão de sombras de folhas de árvores sobre couro branco, mas ainda sem conseguir fixar tais imagens.

Figura 1: Daguerreótipo, primeira câmera



Fonte: Focus Escola de Fotografia, 2014.

Em 1802, Joseph Nicéphore Niépce ficou conhecido como o inventor francês responsável por uma das primeiras fotografias. Niépce desenvolvia experimentos fotográficos a partir de nitrato de prata e, diferentemente de Wedgwood, conseguiu, finalmente, fixar as imagens em suporte físico. Neste período era comum artistas utilizarem a técnica da litografia para reprodução de imagens, mas Niépce desejava obter uma imagem permanente através de material fotográfico. Então, envolveu uma placa de estanho com betume da Judeia, colocou-a dentro da câmera escura e a expos por várias horas à paisagem ensolarada avistada por sua janela. Ao retirá-la, a placa estava sensibilizada com uma imagem em baixo relevo, como um negativo fotográfico, processo que batizou de heliografia, que significa gravura com luz solar.

Figura 2: Fotografia com a vista da janela de Niépce



Fonte: Point da Arte, 2011.

Na mesma época, Louis Jacques Mandé Daguerre, pintor, físico e inventor francês, também produzia imagens, as quais chamavam “daguerreótipos”. Daguerre mantinha correspondências com Niépce e acabaram se tornando sócios. Com a morte de Niépce, em 1833, Daguerre continuou os experimentos de seu sócio, desenvolvendo técnica que captava uma imagem para fixá-la em uma lâmina de prata, em menor tempo que o método heliográfico. O daguerreótipo consistia em uma lâmina de prata metálica polida e fundida a uma placa de cobre que, após sensibilizada através da vaporização de cristais de iodo, era colocada na câmera escura, exposta por cerca de meia hora e, em seguida, submetida a um processo de revelação, também desenvolvido por Daguerre.

Após o registro do daguerreótipo pela França, entusiastas de todo mundo começaram a fotografar e desenvolver novas tecnologias que permitissem imagens mais nítidas em menos tempo para serem gravadas em superfície fotossensível. Em 1841, o britânico William Henry Fox Talbot lançou o calótipo, utilizando a primeira técnica que gerava um negativo a partir do qual se permitia realizar quantas cópias fossem necessárias. Alguns anos antes (em 1833), no Brasil, o franco-brasileiro Antoine Hercules Florence realiza experiências semelhantes às de Daguerre, ao criar um sistema de impressões conhecido como poligrafia, pois o processo utilizava diversas prensas. Florence também foi o primeiro a empregar a palavra fotografia.

Neste contexto, percebesse que, inicialmente, para tirar fotografias, era preciso conhecimento técnico e químico, desde o preparo do material a ser utilizado até a revelação da imagem, além de ser necessário um grande aparato para realizá-lo. Alguns registros de estúdios do século XIX mostram como estes se pareciam com almoxarifados, pela quantidade de objetos, móveis e produtos químicos existentes no local. A partir do século XX, com o grande desenvolvimento tecnológico em todas as áreas e mudanças na sociedade em todo o mundo, gerada em decorrência da revolução industrial, o processo de evolução das fotografias acelerou-se.

2.2 Evolução da fotografia

Com a evolução do processo de impressão das imagens, foi a vez das câmeras sofrerem reajustes em seus formatos. De acordo com Scoville e Alves (2018, p. 82):

Nesse curto período de tempo, entre invenção e o final do século XIX, as câmeras diminuíram de tamanho, tornando-se portáteis, as objetivas melhoraram, ficando mais rápidas ao transmitir mais luz e com menos deformações na imagem, os papéis fotográficos e as emulsões dos negativos estavam mais sensíveis à luz.

Como mencionamos anteriormente, o processo para um registro fotográfico era extenso e complexo, apenas profissionais tinham domínio técnico para executá-los, pois o equipamento era muito caro, pesado e de difícil manuseio, motivo pelo qual somente as classes privilegiadas da sociedade detinham poder aquisitivo para um registro fotográfico de sua família. Na Paris de 1841, um retrato produzido com a técnica de Daguerre costumava custar entre 10 e 20 francos-ouro, valor que um operário ganhava por uma semana inteira de trabalho (AMAR, 2001 apud TESSARI, 2012, p. 475).

Apesar dos pontos negativos — como imagem em preto e branco, borrada, cara e de tamanhos muito diferentes dos retratos pintados pelos artistas da época — a fotografia se tornou

cada vez mais parte da vida da sociedade, principalmente após a criação do *carte-de-visite* pelo fotógrafo francês André Adolphe Eugène Disdéri, em 1850. Uma pequena fotografia, de tamanho padronizado, colada em papel rígido, começou a ser utilizada como cartão postal para envio a amigos e familiares, permitindo também a troca de pequenas mensagens acrescentadas às imagens. Outro fator que contribuiu à popularização da fotografia foi a invenção do *american film*, do norte-americano George Eastman, em 1888, que consistia em um rolo de filme flexível introduzido em uma câmera parecida com uma caixa de sapato, a *Kodak n.º 1*, primeira câmera portátil. Com o *slogan* “você aperta o botão, nós fazemos o resto”, a *Eastman Company* tornou o ato de fotografar acessível para leigos no cotidiano, pois, conforme Palacin (2012, p. 13),

Esse modelo de equipamento vinha acompanhado de um genial incremento comercial também criado pelo americano: quando o cliente levava o equipamento de volta à loja para a revelação do filme, recebia outra câmera carregada com filme virgem, inaugurando o princípio da fidelização do cliente proposta por estudiosos de marketing muitos anos depois.

Tal popularização tornou frequente a procura por fotografias para diversos fins. Porém, porque a princípio não era possível ampliar as fotos, as cópias tinham tamanho igual ao do negativo (SCOVILLE; ALVES, 2018). Por conta disto, as câmeras precisavam ser grandes o bastante para inserção da placa de vidro do tamanho desejado da fotografia. Isto resultou na divisão das câmeras em três categorias: grande, médio e pequeno formato. Todavia, o avanço da tecnologia permitiu ampliar as cópias, de modo que as câmeras diminuíram para facilitação do manuseio e transporte, o que motivou também a criação das câmeras compactas, menores e mais leves, até as versões atuais para celulares, mais versáteis e portáteis.

A partir da modernização das câmeras fotográficas ficou a cargo do fotógrafo capturar a imagem e torná-la em uma boa fotografia. Contudo, segundo Kossoy (2001), três elementos são essenciais para realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Tais elementos lhe originaram através de um processo, de um ciclo que se completou quando o objeto teve sua imagem cristalizada na bi dimensão do material sensível, num preciso e definido espaço e tempo.

3 Sebastião Salgado e sua trajetória em viagens e fotografias ao redor do mundo

A eleição de um aspecto determinado, isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético, a preocupação com a organização dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia tornam o fotógrafo, conforme Kossoy (2001), um filtro cultural, pois registra, documenta e eterniza momentos da realidade e

coloca nas imagens produzidas seu estado de espírito e sua ideologia, enquanto expressão pessoal. O fotógrafo Sebastião Salgado, através de suas imagens, convida-nos a reflexões e a sensações acerca de feridas sociais: guerras, misérias, fomes, intolerâncias, injustiças, violências, migrações forçadas, explorações trabalhistas, expropriações do espaço, más condições de vida, tensões nacionalistas e fundamentalistas (PIDNER, 2014). Seu olhar atento e sensível ao mundo e à sociedade mostram que o fotógrafo apresenta a está última uma visão da qual, por vezes, furta-se.

3.1 O Preto e Branco

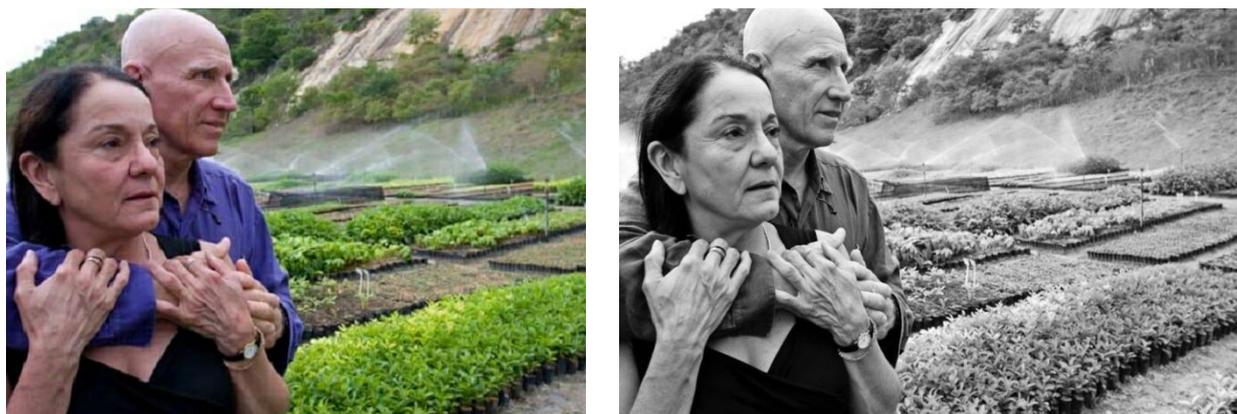
A fotografia surgiu em preto e branco, porém, as novas tecnologias e a necessidade de o homem produzir imagens tais como as vê relegou as fotografias em preto e branco ao desuso. Entretanto, conforme Vanucchi (2013), no preto e branco, retirada a informação das cores, o observador é forçado instintivamente a investir mais tempo na observação da imagem e buscar seu real conceito. Geralmente, os fotógrafos que as produzem desejam representar um “algo a mais”. Contudo, Flusser (1985 apud VANUCCHI, 2013, p. 77) afirma:

As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos.

Em entrevista, Salgado explicita esse conceito ao dizer que se concentra melhor quando trabalha com o preto e branco, tanto que, segundo ele, consegue ver mentalmente todas as histórias vividas, como se fossem um filme em que sente as mesmas emoções ao fotografar. E completa, “na realidade, nada é preto e branco, preto e branco é uma abstração que me permitia mover entre todas as gamas de cores que eu queria entender e me concentrar.”. Concluímos que o gosto por fotografar em preto e branco surgiu naturalmente. Na concepção de Vanucchi (2013), com forte apelo social e beleza estética impecável, Salgado faz de suas fotografias documento e arte.

Ao se observarem as duas versões da mesma fotografia a seguir verificamos a beleza e a estética que a fotografia em preto e branco apresenta. Na colorida, damos atenção às cores e nos perdemos na fotografia em si. Na ausência de cores, refletimos sobre a expressão dos rostos, seus traços e contornos, o detalhe dos canteiros de hortaliças e até nos pomos, a imaginar o que o casal Sebastião e Lélia contemplam. Há uma riqueza muito maior de informações, um equilíbrio que só a fotografia em preto e branco fornece, tornando-a mais admirável.

Figura 3: Instituto Terra



Fonte: Ricardo Beliel (site *O Globo*).

3.2 Seus trabalhos de maior destaque

Salgado, como economista e depois como fotógrafo, é considerado por muitos “cidadão do mundo”, pois viajou e conviveu com as populações locais dos diversos países dos cinco continentes por onde esteve. Todas essas viagens lhe renderam vários projetos bibliográficos, dos quais comentaremos os três maiores. Somente em seu primeiro grande trabalho, dedicou cerca de oito anos à construção do livro *Outras Américas* (1986), no qual percorreu desde o litoral do nordeste brasileiro até as montanhas do Chile, depois Bolívia, Peru, Equador, Guatemala e México. Um trabalho que mostra o rosto, a terra e a vida do povo latino-americano. Segundo Pereira da Silva (2009, p. 220),

Neste livro, há uma representação da América Latina recontextualizada que se dá a partir de uma narrativa visual sobre o cotidiano, o sentimento, a cultura, a memória dos povos latino-americanos e dos artefatos visuais constitutivos de suas próprias culturas particulares: colombianas, mexicanas, brasileiras, dentre outras.

Outras Américas proporcionou ao mundo visualizar a essência do povo latino através de sua relação com o trabalho, basicamente rural, a comunidade, a religião e suas tradições. Um povo simples e puro, tão perto, mas, parece-nos, tão distante da realidade das grandes cidades. No mesmo livro também é possível perceber o olhar deslumbrado e até mesmo contemplativo daquele que se viu obrigado a deixar suas raízes: “Em 1977, quando iniciei este trabalho após alguns anos de peripécias na Europa e na África, meu único desejo era voltar à minha terra bem-amada, para esta América Latina tão querida e profunda [...]” (SALGADO, 1999, p. 11).

No livro *Êxodos* (2000), Salgado relata as migrações dos povos para escaparem da fome, da miséria, da violência e da ganância em busca de novos anseios, circunstâncias que deixaram profundas marcas na história dessas pessoas. “Mais do que nunca, sinto que a raça humana é

somente uma. Há diferença de cores, línguas, culturas e oportunidades, mas os sentimentos e as reações das pessoas são semelhantes. Pessoas fogem da guerra para escapar da morte, migram para melhorar sua sorte, construir novas vidas em terras estrangeiras e se adaptam a situações extremas.”, afirma Salgado. Foram seis anos documentando a história da migração da humanidade em mais de 35 países, uma história contada com imagens que, como afirma o ditado, “valem mais que mil palavras”.

As fotos de Salgado transmitem o olhar do observador, que não está alheio aos acontecimentos ao seu redor e, como relata Pidner, o qual entrevistou trabalhadores do Movimento Sem Terra, fotografados por ele, “Salgado não faz imagens de pessoas e nem para pessoas, ele faz imagens com as pessoas”.

A fotografia de Salgado é fruto de um sentimento, na medida em que ele afirma a vivência que recria em seus retratos. Sentimento de travessia poderia ser o modo como reconhecemos o seu procedimento. Há um percurso realizado, um tempo vivido e, sobretudo, memórias atravessadas no processo de construção de suas narrativas fotográficas. Memórias de um narrador viajante e, de certa forma, também migrante, já que ele mesmo se autoexilou do Brasil depois do golpe militar em 1964. (MAIA, 2017, p. 196).

Uma experiência tão difícil e tão marcante que Salgado cogitou a possibilidade de desistir da fotografia. A dor de ver e vivenciar tantas tragédias o fizeram desacreditar na humanidade. Desta forma, o projeto Gênesis (2013) fora um “sopro de esperança” na vida do fotógrafo cuja própria visão de mundo havia se desfigurado. Tal projeto também foi uma forma de se reinventar, redescobrir o fazer fotografia, pois, conforme Salgado, sua trajetória até então foi de um fotógrafo social, de modo que entrar no ramo de fotógrafo da natureza seria um novo desafio. Foram oito anos percorrendo 32 regiões do mundo e visitando lugares. De acordo com sua pesquisa, 45% do planeta ainda se encontra como na criação. No entanto, este trabalho não se ateve a retratar apenas animais e plantas, muitas de suas fotografias relatam a vida de povos que vivem alheios ao progresso e a modernização.

Contudo, todas essas viagens e convívio com outras sociedades tornaram o trabalho de Sebastião Salgado referência em fotografia em todo o mundo, não só pela estética, porquanto foi alvo de críticas, mas também pela sensibilidade e cumplicidade com aqueles que, segundo ele, o ofereceram suas imagens.

4 Diversidade cultural das sociedades

A Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, aprovada em 2001, reafirma em sua Conferência Geral que a cultura deve ser considerada o conjunto dos traços

distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e abrangem, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. O Artigo 6º do documento assegura a livre circulação das ideias através da palavra e da imagem, bem com o dever de zelar para todas as culturas poderem expressar-se e serem conhecidas. Ao divulgar ao mundo suas experiências e suas imagens sobre os diversos povos que visitou, Sebastião Salgado nos proporcionou enriquecimento cultural e consciência social de uma forma que poucos nos permitiram.

Figura 4: Equador, 1982



Fonte: site da Galeria Peter Fetterman.

A Figura 4, do livro *Outras Américas* (1986), mostra a reunião de uma comunidade religiosa a caminho de Atillo, em Chimborazo, Equador, em 1982. Um vilarejo entre as montanhas, no ponto mais elevado do país, onde a população é basicamente descendente de indígenas e vive dos frutos que cultiva. Observa-se também os trajes rústicos tecidos por eles próprios a partir de matéria-prima animal, que os aquecem no frio de quase zero grau da base da montanha. O registro evidencia a essência do povo latino, as tradições, a religião, o retrato de um grupo que vive, apesar das dificuldades, segundo seus preceitos e convicções. “Uma exploração meditativa das culturas camponesas e da resistência cultural”, descreve Salgado.

Figura 5: Sudão, África, 2006



Fonte: site da Galeria Peter Fetterman.

Há pouca informação sobre o continente africano. Geralmente, quando voltamos nosso pensamento para ele, imaginamos um povo sofrido, faminto, à margem do desenvolvimento e da industrialização. Entretanto, conforme Salgado, “A África não é um continente subdesenvolvido, tem o desenvolvimento que tem. Está buscando sua identidade. Os pobres não necessitam piedade ou caridade, mas compressão e assistência.”. A tribo *Dinka*, referenciada na Figura 5, vive da criação de gado e da agricultura, e não se importa com belas vestimentas. Os homens usam longas túnicas e as mulheres apenas uma pele de cabra em torno da cintura, mas apreciam adornos, como colares, e pintar o corpo. Vê-se um povo tranquilo e muito ligado à criação de animais, como o gado, e à terra, na agricultura de subsistência. Contudo, por vezes se viu obrigado a abandonar suas terras e seu modo de vida devido à ganância humana.

Êxodos (2000) mostra as mazelas de uma sociedade, muitas vezes cruel e desumana, mas também nos enriquece com imagens contemplativas, como a da tribo dos *Dinka*.

O grupo *Nenet*, da Sibéria, na Rússia (Figura 6), é um povo nômade que nos chama a atenção pela força e resiliência, relatada no livro *Gênesis* (2013). Os *Nenet* habitam região do planeta a que poucos têm acesso e coragem para encarar o frio extremo. Um povo que vive como nos primórdios.

Figura 6: Sibéria, Rússia, 2011



Fonte: site da Galeria Peter Fetterman.

Os *Nenets* usam basicamente tudo das renas para sobrevivência, preocupam-se com o máximo aproveitamento de algo importante a sua existência: primeiro, asfixiam o animal para evitar perda do sangue; em seguida, tiram a pele, usada para confeccionar roupas e cobrir tendas; o sangue vira bebida e a carne comida para consumo de toda a proteína do animal.

Eles montam e desmontam as tendas todos os dias para seguir viagem, subindo a península do Yamal em direção ao oceano ártico, no mar de Caracas. Utilizam trenós, o que, para Salgado, é um exemplo para nossa sociedade consumista e egoísta: o conceito de essencial e simplicidade que remete à praticidade, pois os *Nenets* possuem somente o essencial para viver. Tudo o que uma família de cinco pessoas precisa cabe em cima de um trenó, de modo que ter mais que isto é desperdício. “Nós temos uma quantidade de coisas em nossa casa, que a gente vai comprando e vai acumulando e quando o chega o dia de mudar, você percebe que poderia jogar quase tudo fora e que não mudaria nada na sua vida.”, explica Salgado.

Ao analisar tais trabalhos, observamos que, apesar das diferentes culturas, costumes e tradições, o ser humano é mais forte, inteligente e resiliente do que se possa imaginar, e tem as mesmas aspirações. “Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade” (UNESCO, 2002, [n.p.]). Mesmo com todos esses atributos, são simples e não precisam de

muito para ser feliz. Através disto, evidenciam que a humanidade nasceu para viver em sociedade, em relacionamento com familiares, amigos, em grupos.

5 Considerações finais

Como mãe de um jovem de 17 anos e futura arte-educadora, este projeto nasceu da preocupação dos efeitos do consumo excessivo de imagens e de tecnologias por nossos jovens, sem análise ou questionamento devidos em relação ao modo ou motivação de produção. Jovens gastam horas em rede, on-line, produzem fotos digitais, escrevem e compartilham mensagens, mas, afinal, isto não lhes acrescenta nada relevante à vida.

Portanto, este estudo visa aprofundamento relacionado a proporcionar uma prática de empoderamento acadêmico para o jovem, de maneira que desenvolva um olhar mais crítico e um convívio social mais abrangente a partir da utilização de seu equipamento tecnológico favorito: o celular.

A metodologia deste projeto está pautada no estudo de outros projetos acadêmicos, como artigos e teses de estudantes que realizaram práticas em campo, além de livros físicos e digitais, sites de pesquisa, fotografias, galerias e acervos digitais, pois vivemos, no momento, um estado de pandemia que nos fez praticar um distanciamento social para preservar nossa saúde, situação que, ironicamente, nos fez agir como nossos jovens, consumidores compulsivos de tecnologias.

Sebastião Salgado foi o artista escolhido para realizar este precioso resgate, por sua notoriedade e indiscutível talento do qual, confesso, tinha pouca noção antes de empreender esta pesquisa. Ao analisar seus trabalhos, conhecer sua história e desenvolver este projeto, tornei-me grande apreciadora de suas técnicas, fotografias, livros, e admiradora do ser humano que se mostrou nos projetos que realizou. Salgado mostra a nossa sociedade que temos muito para aprender com os povos nativos, bem como quão egoístas e mesquinhos somos. Olhamos, mas não enxergamos o que está a nossa frente.

Contudo, Salgado comprova que não apenas a juventude precisa ser resgatada, mas a sociedade contemporânea como um todo. Cabe a nós, como arte-educadores, dar o exemplo e abrir caminhos para uma visão de mundo melhor, bem como sobre a apreciação e o fazer artístico, visto que “[...] você não pode falar de arte sem falar de cultura e você não pode ter

educação sem fazer emergir a cultura, sem trabalhar criticamente a cultura em que você está imerso. Não existe educação sem arte [...]” (ANA MAE 2018).

Referências

ANA MAE – Seminário Arte, Cultura e Educação na América Latina. São Paulo: Itaú Cultural. 2018. 1 vídeo (17:43 min). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CIEbe86yjk>. Acesso em: 24 out. 2022.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

DRAUZIO entrevista Sebastião Salgado. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (1 hora). Publicado pelo canal Drauzio Varella. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=413bZVZSZPI&t=1954s>. Acesso em: 24 out. 2022.

DOCUMENTÁRIO: A arte e a ciência da fotografia. Coven Produções, 2015. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Arthur Fernandes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pwrri5s7Xg8&t=12s>. Acesso em: 24 out. 2022.

FENSKE, Elfi Kürten. **Sebastião Salgado — o olhar sensível**. Templo Cultural Delfos, mar. 2011. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/03/o-olhar-sensivel-de-sebastiao-salgado.html>. Acesso em: 24 out. 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MAIA, Paulo. Olhar, memória, imaginário em Sebastião Salgado. **Scriptorium**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 192-202, jul.-dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/2526-8848.2017.2.29180>

O SAL da terra. Direção: Juliano Ribeiro Salgado e Win Wenders. Produção de David Rosier. França, Brasil: Imovision, 2014. Mega HD Filmes.

PALACIN, V. **Fotografia: Teoria e prática**. São Paulo: Saraiva, 2012.

PEREIRA DA SILVA, Sérgio Luiz. Outros olhares para outras Américas: cultura visual e fotografia na América Latina pós-tradicional. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 45, n. 3, p. 217-225, 2009. DOI: <https://doi.org/10.4013/4902>

PIDNER, F. S. Fotografias de Sebastião Salgado: grafia, poética e produção do espaço geográfico. **Revista Científica Vozes dos Vales**, Teófilo Otoni, Ano III, n. 6, 10/2014. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2014/10/Fotografias-de-Sebasti%C3%A3o-Salgado-grafia-po%C3%A9tica-e-produ%C3%A7%C3%A3o-do-esp%C3%A7o-geogr%C3%A1fico.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

RUBIN, Nani. Livro revela os bastidores das imagens de Sebastião Salgado. 8 mar. 2014. **O Globo**. Cultura. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livro-revela-os-bastidores-das-imagens-de-sebastiao-salgado-11813287>. Acesso em: 24 out. 2022.

RUE, Eva La. **A História da Fotografia**. Focus: Escola de Fotografia, 2014.

SALGADO, Sebastião. **Outras Américas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCOVILLE, A. L.; ALVES, B. O. **Laboratório de Artes Visuais: Fotografia digital e quadrinhos**. São Paulo: Intersaberes, 2018.

SEBASTIÃO Salgado – Genesis SESC Belenzinho. RP Hub Comunicação, 2013. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal RP Hub Comunicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ona8Qn5SARk>. Acesso em: 29 set. 2020.

SEBASTIÃO Salgado. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2597/sebastiao-salgado>. Acesso em: 24 out. 2022.

TESSARI, A. B. Fotografia na história e no ensino da História. **Aedos**, Porto Alegre, n. 11, v. 4, set. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30773/20882>. Acesso em: 24 out. 2022.

UNESCO. Declaração **Universal sobre a Diversidade Cultural**. Paris: UNESCO, 2002. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf. Acesso em: 24 out. 2022.

VANUCCHI, E. O. Fotografia em preto e branco: arte, técnica e opção estética. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 8, n. 1, 2013. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1395>. Acesso em: 24 out. 2022.